

Elena Ruiz Romero de la Cruz *

O comércio dos vinhos Málaga no século XX, antes e depois da criação do Conselho Regulador da Denominação de Origem

«O comércio do vinho de Málaga é antiquíssimo; a sua fama remonta também a épocas remotas e, embora os vinhos comuns ou de pasto espanhóis não fossem considerados como produtos e bebidas populares até há bem pouco tempo, em contrapartida, os vinhos de licor ou generosos eram apreciados desde a antiguidade nos mercados externos e proporcionaram constantes e avultados benefícios à nossa província».

(Pedro Gómez Chaix¹)

INTRODUÇÃO

O I Encontro da História da Vinha e do Vinho no Vale do Douro foi, sem dúvida, um acontecimento de grande interesse no domínio da investigação vinícola, já que nos conduziu a um melhor conhecimento de um produto apreciado da cultura humana. O presente estudo aborda o comércio de um dos vinhos típicos da terra malaguenha que, tal como o vinho do Porto, recebe o nome da sua cidade, testemunhando uma velha tradição local.

Tal como o título indica, o nosso trabalho pretende abordar o panorama comercial do vinho de Málaga neste século. Outrora importante no conjunto das trocas malaguenhas, o vinho sofreu, na centúria em que vivemos, uma tendência que se pode qualificar, de forma resumida, como de um «negócio em decadên-

■ Professora de História Económica. Departamento de Teoria e História Económica, Universidade de Málaga.

1 A. D. E. Caixa nº 73. 13. L. 5. GOMEZ CHAIX, Pedro – *Los vinos de Málaga*. «Crónica de Vinos y Cereales». Periódico Agrícola Mercantil (27 Janeiro 1897).

cia», embora com possibilidades de futuro, se se apoiar devidamente nas instituições públicas e nas entidades privadas².

Esta comunicação representa, de certa forma, o contexto a partir do qual reconstruímos a história de uma empresa malaguenha – *Las Bodegas López Hermanos, S.A.* –, cuja actividade se inicia no ano de 1885, detendo-nos nos anos sessenta do presente século. A história desta empresa constituiu o *leit motiv* da análise do sector comercial³, pois para conhecer profundamente a realidade da empresa e do seu comércio era necessário abordar o conjunto do sector. Além disso, a cidade de Málaga representou um entreposto, muito especialmente em séculos anteriores, em que o comércio vinícola constituiu um relevante capítulo no contexto das suas tradicionais exportações.

A documentação recolhida no Conselho Regulador da Denominação de Origem «Málaga» será a nossa principal fonte de informação⁴. Este organismo foi criado em 1933, ainda que apenas tivesse começado a funcionar de maneira efectiva em 1937. Por isso, embora vá tratar do comércio dos vinhos ao longo do século, só a partir da constituição do Conselho podemos afirmar com segurança que os dados são representativos do comércio dos vinhos «autenticamente Málaga». Para datas mais recuadas, a análise está sujeita a maior imprecisão, como assinalam os historiadores Gámez Amián e Morilla Critz, que, em trabalhos já publicados, põem precisamente em relevo os pormenores da análise do comércio dos vinhos «Málaga».

Gámez Amián afirma que, em finais do século passado, se exportavam vinhos brancos e doces, a partir porto de Málaga para o mercado americano, predominando os primeiros, enquanto, entre 1851 e 1871, só se falava de vinho Málaga, apesar de parecer que se referia a todo «o vinho» que saía pelo porto desta localidade. Em 1872, há referência ao vinho de Málaga e ao branco superior e, um ano mais tarde, a alusão aos vinhos é semelhante, somando-se o comum ou de pasto, o da Catalunha e similares⁵. Estes dados colocam-nos ao corrente das dificulda-

² Sobre este assunto apresentamos já um trabalho nas Jornadas «Presente y Futuro de la Provincia de Málaga», onde a comunicação *Los Vinos de Málaga: ¿una apuesta de futuro?* tratava precisamente do interesse que pode representar para a economia local continuar a contar com esta tradicional, se bem que em decadência, componente do nosso comércio. Vide RUIZ ROMERO DE LA CRUZ, Elena – *Los Vinos de Málaga: ¿una apuesta de futuro?* In Jornadas «Presente y Futuro de la Provincia de Málaga». Málaga: Diputación Provincial de Málaga, 1995, p. 529-536.

³ RUIZ ROMERO DE LA CRUZ, Elena – *Historia Económica de una Empresa Centenaria en la Málaga que inaugura el siglo XX: Las bodegas López Hermanos S.A.* Málaga: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga, 1995.

⁴ É conveniente notar o estado precário da documentação por nós manejada, frequentemente de difícil leitura. De facto, esta é a questão que configura o meu trabalho de investigadora actualmente e é nesta linha que estou a completar e a ampliar a minha tese.

⁵ GAMEZ AMIÁN, Aurora – *El comercio de Exportación a América por el puerto de Málaga (1861-1887)*. In «Actas V Jornadas de Andalucía y América». 1984, p. 277.

des com que nos deparamos para delimitar com exactidão os valores correspondentes ao comércio dos vinhos da localidade malaguenha, o que acontece no primeiro terço do nosso século, como adiante aprofundaremos, quando se fala em vinhos Málaga e similares.

Morilla Critz coloca a mesma questão, quando pretende estabelecer quais eram os dados expressivos do comércio de vinho Málaga, manifestando a necessidade de precauções na interpretação desses valores. Referindo-se ao comércio vitivinícola da Andaluzia Oriental, no século XIX, assinala textualmente: «... os valores de exportação de passas de Málaga e da uva de embarque de Almeria e Málaga há-de ser, na sua relação com a produção destas colheitas na zona, muito diferente da dos valores de exportação do vinho. As primeiras correspondem sempre a produtos vitícolas procedentes das respectivas províncias (a compra de passas originárias de outros lugares por Málaga foi sempre algo anedótica e quantitativamente desprezível), contudo, o vinho expedido a partir do porto de Málaga, o único importante para este produto na sub-região, nem sempre era da província, nem produzido com mostos da mesma ou da Andaluzia Oriental, inclusivamente o que aparece com o nome específico de «vinho de Málaga»⁶.

Com esta reflexão preliminar, pretendemos destacar alguns dos problemas que o estudo do sector vitivinícola suscitou em investigadores do comércio dos vinhos e passas de Málaga. Ao mesmo tempo, pareceu-nos imprescindível delimitar, ainda que sucintamente, os problemas que o seu estudo nos coloca. Se bem que o nosso trabalho parta fundamentalmente dos princípios do século, não nos podemos abstrair da situação imediatamente anterior.

1. ALGUMAS REFERÊNCIAS SOBRE O COMÉRCIO DOS VINHOS MÁLAGA

A importância do comércio de vinhos nos séculos passados é um tema conhecido, valendo a pena comentar os dados que nos oferece o estudo de Gwinner, recolhido por Estapé nos *Textos Olvidados*⁷, em que se detalham interessantes avaliações em torno da política comercial das últimas décadas do século XIX⁸. Do mesmo trabalho podem referir-se os dados das exportações de Espanha e o lugar ocupado pelos vinhos Málaga, acompanhando os vinhos ordinários, juntamente com os vinhos de Jerez e similares. Os números que refere são significativos, mas

⁶ MORILLA CRITZ, José – *Cambios en la viticultura de Andalucía Oriental durante al crisis de finales del siglo XIX. Estudio sobre los datos de los informes consulares británicos*. In «Revista de Historia Económica». Nº 1 (1989) p. 161.

⁷ GWINNER, A. – *La política comercial de España en los últimos decenios*. In ESTAPÉ, F. (dir.) – «Textos olvidados». Trad. do alemão para italiano por Ludovico Eusebio e deste para o espanhol por J. García Ruiz. Madrid: Instituto de Estudios Fiscales. Ministerio de Hacienda, 1973.

⁸ ESTAPÉ, F., nota introdutória ao artigo de GWINNER, A. – o. c., p. 255.

é-o ainda mais o facto de estabelecer uma categoria à parte, o que considero ser de grande importância⁹.

Um panorama geral relativo ao tipo de mercadorias exportadas pelo porto de Málaga pode observar-se, ainda que de forma sintética, no quadro nº 1, onde se constata que o comércio vinícola não era o mais destacado, mas formava um grupo com as passas, outro produto tradicional das exportações malaguenhas¹⁰. Segundo estes dados, 44,9% do negócio exportador era monopolizado pelas passas e vinhos e, se tivermos em conta as quantidades de todos os produtos enviados para o estrangeiro, no comércio de cabotagem a sua presença equivale a 5,64%, valores que são indicativos das repercussões que o movimento destes produtos tinha na economia local. Vale a pena realçar este aspecto, uma vez que os dois produtos configuravam os pilares do comércio portuário da Málaga pré-filoxérica.

Centrando-nos no quadro nº 2, que resume um amplo período, podemos interrogar-nos se é possível, para esses anos, determinar a que tipo de vinho nos estamos a referir. Entre 1850 e 1875, os dados refletem o total de vinho Málaga exportado; de 1876 a 1906, a estatística assinala o vinho generoso exportado pelo porto malaguenho; de 1907 a 1910, expressa de novo o total das saídas do vinho de Málaga. Considerámos os restantes anos com base nos valores que nos dão as memórias comerciais da Câmara de Comércio, Indústria e Navegação de Málaga, que referem «vinho de Málaga e seus similares em pipas», ao qual se juntou um quantidade exígua de vinhos em garrafa de classe idêntica. Ora bem, apesar da falta de homogeneidade das apreciações, consideramos, tal como Jiménez Blanco, que «a disparidade de conceitos não distorce as grandes linhas de evolução que se depreendem dos dados»¹¹.

Se nos fixarmos na expressão gráfica dos dados, tal como se pode observar no gráfico nº 1, apercebemo-nos nas suas ondulações das crises que se sucederam no sector. Fraudes, competições e doenças resumem e englobam um conjunto de problemas que nos aparecem expressos nos dados relativos à época analisada. Percebem-se alguns momentos excelentes no comércio portuário exportador, embora os registos mostrem que o vinho de pasto que aumenta as saídas, quando em plena crise filoxérica francesa são pedidos mais vinhos e aumentam as exportações¹².

⁹ Os dados que comentámos são: os vinhos ordinários aumentam as exportações, passando de 1.435.345 hl para 9.190.686 hl, contudo, a diminuição das quantidades de vinhos de Jerez e similares que saem de Espanha cifram-se entre 90.534 hl, entre 1876 e 1890, ocorrendo o mesmo com os Málaga, que passam de 92.410 hl para 59.916 hl. Idem, Ibidem, p. 297.

¹⁰ O referido quadro foi retirado de CABRERA PABLOS, F.; OLMEDO CHECA, M. – *El puerto de Málaga 30 siglos de vida, 400 años de historia. 1588-1988. IV centenario comienzo de las obras*. Málaga: Junta Obras Puerto de Málaga, 1988, p. 239.

¹¹ JIMÉNEZ BLANCO, J. I. – *La producción agraria de Andalucía oriental, 1874-1914*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1986, p. 962.

¹² LARA FERNÁNDEZ, R. – *Consecuencias del tratado de comercio de 1882 con Francia para los viticultores y comerciantes malagueños*. «Jábega». Nº 68 (1990) p. 37.

Além disso, o novo século arrancaria do rasto deixado pela filoxera e pela problemática das fraudes e das rivalidades com outras zonas de Espanha e do resto do mundo, tal como ocorria com a Califórnia, que tinha um papel destacado neste jogo de concorrência¹³. O nosso século inicia-se com volumes de trocas bastante baixos. Depois, podemos perceber duas conjunturas, favoráveis a um novo auge comercial viníco: por um lado, o tempo em que a replantação começa a dar os seus frutos, e por outro, a saída da crise bélica, que se traduz numa retoma do comércio que, no caso dos vinhos, se manifesta de forma positiva.

Mas como é que evolui o comércio de vinhos malaguenhos nos momentos anteriores à Guerra Civil? Muda a sua estrutura, à medida que avançamos no nosso século? Para responder a esta última questão temos a possibilidade de utilizar os dados mais rigorosos do Conselho Regulador da Denominação de Origem «Málaga».

Em relação à primeira questão, procuraremos destacar qual era o espectro comercial para se compreender de maneira adequada se se tratava de um elemento-chave ou se, pelo contrário, de escassa relevância na economia malaguenha¹⁴.

Primeiramente, observaremos os principais produtos que se exportavam a partir de Málaga (por via marítima), cujos valores nos serviram para elaborar um gráfico-resumo nº 2. Verifica-se uma falha nos patamares mais elevados, separando o que são vinhos de Málaga e similares dos restantes. De qualquer forma, assinala-se que a junção de «similares» pressupõe que não podemos afirmar com contundência que são típicos da localidade, já que se efectua uma agregação que não nos é possível destrinçar. No entanto, considerando esse valor como o correspondente maioritariamente aos vinhos da terra malaguenha¹⁵,

¹³ MORILLA CRITZ, José – *La irrupción de California en el mercado de productos vitícolas y sus efectos en los países mediterráneos (1865-1925)*. In «California y Mediterráneo: Estudio de la historia de dos agriculturas competidoras». Madrid: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación. Universidad de Alcalá de Henares, 1995.

¹⁴ Questão que se pode constatar através dos dados fornecidos pelas Memórias Comerciais editadas pela CÂMARA DE COMÉRCIO entre 1926 e 1933. O desdobramento mais detalhado da informação diz respeito aos referidos anos, se bem que possua valores globais das exportações desde a segunda década do século XX até às vésperas da Guerra Civil, pelo que contempla um amplo número de anos que nos permite vislumbrar alguns dos aspectos mais característicos do comércio exportador malaguenho nessa época. C. C. I. y Nav. de Málaga, anos 1926-1933. A. C. C. Ma.

¹⁵ Afirmção que nos parece correcta na medida em que, originalmente, as estatísticas desdobram a informação como se segue: «Vinho de Málaga e seus similares em pipas», «idem em garrafas» (neste caso agregamos as duas categorias) «os restantes vinhos generosos ou de licor, em pipas», «idem em garrafas». Portanto, desagrega-se o vinho de Málaga dos outros vinhos generosos, pelo que pensamos que o tipo principal das partidas seriam os autênticos «vinhos Málaga». A separação continua considerando-se «vinho tinto ordinário, em pipas», «idem, em garrafas», «vinho branco comum», «idem, em garrafas», «vinhos *amontillados* e *olorosos* de Jerez, em pipas», «idem, em garrafas» e finalmente «os restantes vinhos, em pipas». Somámos as partidas de vinhos segundo as suas características, exceptuando o vinho Málaga, que deixámos de parte sem lhe adicionarmos os outros vinhos generosos devido aos objectivos do nosso trabalho.

podemos estabelecer uma análise comparativa dos produtos vitícolas e dos restantes¹⁶.

Em geral, pode dizer-se que, em Málaga, o dinamismo comercial se manteve até 1920. Pelo seu porto saíam os produtos agrários tradicionais, entre os quais os vitícolas, assim como diversos frutos e minérios, enquanto se importavam matérias primas industriais, entre outras. «A guerra incidiu positivamente nesta actividade, mas os problemas de 1917 vão abrandá-la, partindo daqui a sua progressiva decadência»¹⁷.

Descendo ao pormenor dos números, podemos estabelecer comparações entre os principais produtos comercializados, destacando os vitivinícolas¹⁸, depois os produtos alimentícios, sendo o azeite de oliveira o protagonista indiscutível¹⁹. Já neste século, o azeite consegue, a pouco e pouco, arrebatat o lugar cimeiro às passas, produto que gozou sem dúvida desse posto no século passado, sobretudo se atendermos à proporção da passa malaguenha no conjunto da produção espanhola. Esta é, portanto, outra das mudanças a assinalar no conjunto comercial malaguenho na viragem para o século XX.

Vinhos, passas e uvas frescas continuariam a fazer parte das exportações locais, mas já sem voltar a adquirir o esplendor dos tempos passados, apesar de algumas conjunturas favorecerem um comércio que adquire, por instantes, proporções interessantes, como nos revelam os valores das saídas de passas após a Primeira Guerra Mundial, alcançando-se inclusivamente, em 1920, 17,32% dos volumes exportados desse ano, valor expresso em relação – como temos vindo a referir – ao total dos «principais produtos exportados pelo porto malaguenho».

Relativamente aos vinhos, deduz-se dos dados uma contribuição de vulto nas exportações, com valores percentuais variáveis, observando-se uns primeiros anos

¹⁶ Algumas avaliações do comércio vitivinícola dessas datas estão compiladas em RUIZ ROMERO DE LA CRUZ, Elena – *La exportación de productos vitivinícolas en Málaga 1911-1933: un análisis comparativo*. Badajoz: Dirección General de Agricultura y Comercio e Industrias Agrarias, 1994, p. 863-872. Comunicação apresentada nas *Escuelas Universitarias «Santa Ana»* da Universidade da Extremadura. XVI Jornadas de Viticultura e Enología da Tierra de Barros. Maio 1994. Almendralejo.

¹⁷ LACOMBA AVELLAN, J. A. – *Desde los inicios de la industrialización al plan de estabilización de 1959*. In MARTIN RODRIGUEZ, M. (dir.) – «Estructura Económica de Andalucía». Madrid: Espasa Calpe, 1993, p. 59.

¹⁸ Agruparam-se os vinhos em «vinhos Málaga e similares» e «outros vinhos», atendendo ao escasso significado dos valores destes últimos. Além disso, elaborou-se o gráfico tendo em conta, por um lado, os produtos alimentícios, no topo dos quais se encontram os derivados da vinha, objecto deste tipo de comércio, e, por outro lado, os chumbos e minerais, isto é, os produtos não alimentícios.

¹⁹ Se bem que este nunca tenha sido um comércio desprezível, alcançando inclusivamente valores que chegaram a 23.268.253 em anos pontuais, como foi o de 1895, ou mesmo rondando os 30 milhões de quilos, como em 1897 e 1902. São muito interessantes as cifras respeitantes ao volume de comércio em kgs. fornecido por ZAMBRANA PINEDA, J. F. – *Crisis y modernización del olivar*. Madrid: Ministério de Agricultura, Pesca y Alimentación. Secretaria General Técnica, 1987, p. 437-439. Na série destacam-se fortes oscilações e grandes momentos onde se constata a importância deste comércio através dos postos aduaneiros de saída.

bastante bons, mas com tendência para um paulatino decréscimo, com um ponto de inflexão na conjuntura negativa de 1917, quando, como sabemos, os conflitos políticos entorpecem o normal desenvolvimento da vida económica da cidade. A partir de 1919, recupera-se de novo o mercado exportador deste produto típico, mas, passados alguns anos, voltamos, tal como uma onda cíclica, a notar um decréscimo palpável do negócio.

Em determinados momentos da série, como 1927, haveria que assinalar a perda do volume exportador, compensado com valores destacados de comercialização dos produtos que denominámos «os restantes vinhos». Pretendemos realçar que este comércio é alimentado de forma determinante por outros vinhos generosos – empregando a terminologia da própria fonte consultada. Daí que o comércio de vinhos a partir do porto malaguenho atinja valores interessantes. Mas esses vinhos, embora feitos com cuidado, não eram vinhos «Málaga»²⁰.

As uvas frescas, como se vê em todo o período analisado, atingem valores realmente insignificantes: apenas em 1927 ultrapassam timidamente 1%, pelo que não lhe dedicaremos maiores comentários.

Os números-índices que apresentamos no gráfico nº 3 oferecem-nos uma outra perspectiva complementar bastante esclarecedora da evolução por que passa o comércio de cada um destes produtos. O ano base é 1911. Centrando-nos nos produtos vitícolas, observamos uma diminuição sensível do volume de mercadorias exportadas no ano em que começa a I Guerra Mundial, manifestando-se a crise de modo especial nas saídas para o estrangeiro. Os anos seguintes mostram-se mais favoráveis, podendo, inclusivamente, falar-se de uma certa recuperação das exportações de vinhos «Málaga» e de vinhos de outras regiões que se exportam pelo porto malaguenho. O mercado das passas também recupera, ainda que com valores que nada têm a ver com os melhores anos do século passado, e diminuindo muito seriamente nos anos vinte. Esta década significa também para os vinhos «Málaga» um dos períodos mais negativos do seu comércio, embora estivessem para chegar tempos ainda mais nefastos para as transacções, e especialmente para o comércio de produtos vínicos, como os primeiros anos da II República.

As oportunas referências gráficas dos artigos vitivinícolas, entre os principais produtos que se exportavam a partir do porto de Málaga, desenham-nos precisamente essa diminuição do comércio. No conjunto, estes seriam anos pouco positivos, sobretudo para o comércio dos vinhos de Málaga.

Que países soliciavam estes produtos vinícolas malaguenhos? Farei apenas alguns comentários sobre os lugares para onde viajavam os nossos vinhos nestes primeiros anos do século.

²⁰ Sabemos que esses vinhos seriam os que procediam dos distritos vizinhos de Málaga e tradicionais produtores, como os de Montilla, entre outros.

Após a superação do primeiro conflito bélico mundial, podemos dizer que a decadência do negócio do vinho era assinalável. Na informação apresentada à câmara malaguenha, em 1926, refere-se textualmente: «[...] a usurpação que vêm fazendo os comerciantes de outras regiões do nome Málaga, o tratamento pouco favorável dos convênios comerciais acordados com alguns países consumidores e a perda de mercados naquelas nações onde se implantou a chamada Lei Seca. Um exemplo do acolhimento que se dá aos nossos vinhos em alguns países é oferecido pela Colômbia, onde os fortes impostos departamentais, autorizados pelo governo, equivalem a um aumento dos direitos naturais do arancel* e tornam praticamente impossível a circulação dos nossos vinhos naquele país»²¹.

E, se as memórias comerciais falam de alguns países em concreto, referindo em particular os de língua espanhola, assinala-se que a melhoria do comércio se deve «quase exclusivamente ao trabalho árduo desenvolvido pelas casas exportadoras, que, com muitos custos, enviam os seus viajantes àquelas regiões, vencendo as dificuldades que a paulatina implantação de leis inspiradas na Lei Seca norte-americana origina naquelas Repúblicas e sobrepondo-se ao fracasso das diligências diplomáticas realizadas na Colômbia para a supressão dos direitos departamentais, que tanto dificultam as vendas naquele país»²².

O certo é que a decadência do comércio malaguenho era um assunto preocupante, deixando-se transparecer esta inquietação nos preâmbulos desta informação comercial editada pela câmara malaguenha: «[...] as classes interessadas só esperam que a economia nacional melhore, acompanhando os demais países, e que os afamados vinhos malaguenhos tornem a consumir-se na proporção das épocas passadas, mais felizes e venturosas para o comércio espanhol»²³.

Quantitativamente, pode dizer-se que, para alguns anos da década de vinte e para os anos anteriores à Guerra Civil, há uma série de países do continente americano que se manifestam como clientes dos vinhos de Málaga e seus similares²⁴: Cuba, E.U.A., Brasil, Argentina, México, Porto Rico e Canadá, destacando-se largamente o primeiro sobre os restantes. As percentagens de vinhos «Málaga» e similares exportados através do porto malaguenho confirmam, para estes anos, a importância de Cuba, único país que se assemelha, pelo volume que recebe de vinhos Málaga, aos melhores clientes que, salvo conjunturas concretas, foram tradicionalmente os países da Europa, como a Holanda, a França, a Alemanha e a Inglaterra. Os dados consultados refletem um comércio preferencial para os nos-

* N.T. – Tarifa oficial que determina o que se deve pagar pelos direitos alfandegários, entre outros.

²¹ CÁMARA de Comercio, Industria y Navegación de Málaga – Memória Comercial. 1926, p. II.

²² CÁMARA de Comercio, Industria y Navegación de Málaga – Memória Comercial. 1927, p. II.

²³ Idem.

²⁴ Não referiremos os outros tipos de vinhos nesta amostragem por países, pois o nosso interesse centra-se nos vinhos que mais tarde ficariam protegidos pela Denominação de Origem «Málaga».

sos vizinhos, comércio não isento de dificuldades, como mostra o texto da informação comercial que se segue: «Pode qualificar-se de desastroso o resultado do Tratado do Comércio com a França relativamente à nossa exportação vinícola, já que com os direitos suplementares para o álcool em potência contido nos vinhos doces, a taxa de luxo e os numerosos impostos internos que os agravam, torna-se impossível a exportação dos nossos vinhos para aquele país, podendo assegurar-se que a totalidade embarcada no nosso porto para os de Sète e Marselha é destinada à Suíça. Os entraves fiscais mencionados, juntamente com a venda descarada que se pratica em França de vinhos fabricados com mistelas da Argélia, sob a designação de Málaga, acabaram por resultar na anulação completa e total da nossa exportação para aquele país»²⁵.

Assim, para os primeiros anos do século XX, podemos concluir – ainda que bastante superficialmente, uma vez que não aprofundámos o tema – que o comércio dos vinhos «Málaga» decresceu em termos gerais, se o compararmos com os valores de épocas passadas. Era um comércio que se estabelecia principalmente com os países da nossa região continental. A Europa era então o nosso principal cliente. A América não requeria o nosso produto de maneira significativa. No entanto, a abordagem deste primeiro período não pretendeu mais do que estabelecer um ponto de partida para melhor compreendermos a análise dos anos trinta, para os quais dispomos de números mais concludentes do comércio exportador malaguenho do «vinho Málaga».

2. O COMÉRCIO DE VINHOS MÁLAGA A PARTIR DOS VALORES DO CONSELHO REGULADOR DA DENOMINAÇÃO DE ORIGEM «MÁLAGA» (1937-1961)

Sabemos que, após a Guerra Civil, as saídas de «produtos alimentares, comestíveis e bebidas» criaram um dos principais pilares das nossas exportações tradicionais²⁶.

O comércio dos vinhos de Málaga, à medida que avançamos na década de trinta, tem um significado distinto. Daí que o tenhamos separado, dividindo o nosso trabalho, tal como referimos no título, com um antes e um depois da criação do Conselho Regulador do Vinho «Málaga». É que agora podemos estabelecer com maior precisão a que tipo de vinhos nos estamos a referir, como se veri-

²⁵ Vide Memórias Comerciais citadas (1927, p. II).

²⁶ Investigação em curso que se centra no estudo das entradas e saídas que se registavam no porto malaguenho entre 1941-1960, com a pormenorização das parcelas importadoras e exportadoras para estes anos.

fica no quadro nº 3²⁷. A partir desses dados elaborou-se o quadro nº 4, que acompanhará a informação numérica.

Em primeiro lugar, será pertinente observar os valores dos quadros, esclarecendo a procedência dos mesmos. Assim, deve assinalar-se que no biénio de 1931-1932 os dados foram retirados das informações que as próprias casas remetiam ao Conselho Regulador, sendo, por conseguinte, vinhos feitos com cuidado. Os dados de 1938-1939 foram recolhidos no arquivo de *Las bodegas López Hermanos S.A.*, cujos números correspondem a exercícios partidos, isto é, o primeiro deles inclui uma parte do ano anterior, acontecendo o mesmo com o ano de 1939. Os dados das casas comerciais que agregámos trazem o timbre do Sindicato da Vinha, Cervejas e Alcoóis; os restantes procedem do Conselho Regulador²⁸.

Traçado este esclarecimento sobre as fontes documentais do comércio vinícola malaguenho, podemos inferir algumas conclusões, que visualmente se destacam do mencionado gráfico nº 4. Assim, relativamente ao primeiro trecho, observa-se a evolução do comércio exportador de vinhos Málaga, cuja descida acentuada resulta da paralização comercial que a localidade sofre já no tempo da II República e que culmina num *crack* com o fim da Guerra Civil. Depois, os sucessivos picos de serra que surgem na curva são consequência das conjunturas de maior ou menor procura dos vinhos Málaga.

Falta-nos abordar uma questão interessante, que é a distribuição do mercado de vinhos Málaga para este período.

3. A DISTRIBUIÇÃO DOS MERCADOS ESTRANGEIROS ATRAVÉS DOS DADOS DO CONSELHO REGULADOR DA DENOMINAÇÃO DE ORIGEM «MÁLAGA» (1931-1961)

Em primeiro lugar, deve esclarecer-se que, nos anos trinta²⁹, as exportações de vinhos Málaga continuavam a seguir principalmente para os países europeus. Os

²⁷ Nele existem informações mais detalhadas, com aperfeiçoamentos que se puderam efectuar graças à colaboração de D. Joaquín Irigoyen, Secretário do Conselho durante 40 anos do seu funcionamento.

²⁸ Há que lembrar que o nosso colaborador, D. Joaquín Irigoyen, considera a possibilidade dos valores desde 1955 representarem vinhos de Málaga e não «vinho Málaga», já que os dados procedentes do próprio Conselho Regulador se expressam simultaneamente em hectolitros e em dólares, informação que entende não proceder originariamente do Conselho, pois, segundo o seu comentário, nessas datas a entidade reguladora não efectuava esses cálculos, pelo que se supõe serem dados do Ministério do Comércio que viriam a formar as estatísticas do volume exportador. Na medida em que o Conselho não tinha a obrigação de elaborar estatísticas, pode ser, portanto, que os que se acham no mesmo tenham sido retirados do referido Ministério do Comércio. Recentemente apareceram novas referências que poderão aclarar o assunto exposto.

²⁹ Vide quadro nº 4.

nossos melhores clientes eram a França, a Alemanha, a Holanda e a Grã-Bretanha, por esta ordem. Quanto aos países americanos, podemos dizer que Cuba se distinguia como cliente destacado dos restantes, pois, em 1931, somava 5,88% do total do vinho exportado para os diferentes países do mundo. Também é digna de menção, ainda que a grande distância do primeiro importador, a Venezuela, com 1,5%. Mantínhamos igualmente exportações, embora em reduzidas percentagens, para a Colômbia, o Brasil, a Argentina, o México, o Panamá, a Guatemala e El Salvador. O conjunto ronda os 10% do mercado exportador dos nossos vinhos típicos. Observe-se, pontualmente, o ano de 1938, em que a Alemanha aglutina praticamente a totalidade das nossas saídas para o exterior, com um valor que alcança os quase 80%.

Na década de quarenta, sente-se uma quebra brutal do cômputo total dos litros exportados. Esta diminuição drástica do comércio percebe-se como resposta à crise do pós-guerra nacional e da guerra mundial, sobretudo se tivermos em conta que o principal cliente do vinho Málaga estava na Europa³⁰.

Nesta altura, o indiscutível protagonismo será, no Velho Continente, assumido pela neutral Suíça que, em 1940, ultrapassa um volume de mais de metade do total das exportações, constituindo, portanto, o nosso maior cliente³¹. Neste declínio conjuntural do mercado europeu, segundo os dados de que dispomos, vai ser novamente Cuba o país do continente americano que mais se destaca, com uns significativos 10% do comércio exportador dos vinhos «Málaga» nos anos quarenta³².

Nos anos seguintes aparecem novos países com os quais se mantêm contactos comerciais, embora reduzidos, como no caso dos países do continente africano³³. Figura também a Espanha, cuja inclusão num esquema de exportações poderia tornar-se estranho, sendo tida em conta a sua presença pelo carácter de porto franco que tinham para si pequenos comércios localizados em aeroportos, onde tinham acesso as mercadorias vinícas com visto (este é um requisito indispensável para a sua venda posterior)³⁴. Aqui a Europa é a parte essencial do nosso comércio

³⁰ Há que destacar que ao ano de 1941 faltam quantificar os últimos meses do ano, nos quais normalmente se concentra o maior movimento comercial que gira em torno dos vinhos malagueños. Deve referir-se também que, para o ano de 1940, utilizámos os dados que as casas exportadoras forneciam, não podendo pôr-se de parte a hipótese de faltarem declarações de alguma casa exportadora que não tivémos em conta, por não ter sido localizada, entre os diversos materiais, apenas classificados, do A.H.C.R.D.O. «Málaga».

³¹ Ainda que se pudesse ter verificado a saída de mercadorias para outros países. De facto nas *Memorias Comerciales*, já mencionadas, diz-se que chegavam à Suíça vinhos que partiriam em direcção à Checoslováquia.

³² A situação, em termos gerais, não se distingue muito daquilo que ocorreu com a empresa que analisei (as Bodegas López Hermanos S.A.), uma vez que o mercado alemão era da tal envergadura que até existiam na própria empresa tradutores, um dos quais alemão que, evidentemente, procurava o entendimento entre a casa e os clientes.

³³ Vide quadro nº5.

³⁴ IRIGOYEN, Joaquín – Entrevista cit., 1994.

vinícola exportador do vinho malaguenho, reduzindo-se os intercâmbios com a América. Embora Cuba, Costa Rica, Brasil, México e, sobretudo, E.U.A. e Venezuela continuem clientes do produto, a sua posição em relação ao Velho Continente é realmente abismal, destacando-se de novo numa posição privilegiada a Alemanha.

A distribuição por países importadores dos vinhos «Málaga» nos anos cinquenta pode observar-se no quadro nº 6, que representa os valores percentuais e anuais do comércio desses vinhos. Estas últimas referências oferecem dados muito contundentes, continuando a Alemanha a ser o principal cliente dos nossos vinhos, com bastante diferença em relação aos restantes países, chegando mesmo a atingir, em 1959, 51,49% do volume exportador; as percentagens deste país, exceptuando as de 1958, não baixam dos 45%. Destaca-se também a Suíça, cujos valores percentuais oscilam entre os 20% e os 36%. É possível, no entanto, que este mercado tivesse sido apenas um ponto de passagem em direcção a outros países da Europa.

Por outro lado, a Áustria e a Bélgica mostram percentagens significativas, sobretudo esta última, cuja tendência para a alta é notória, alcançando valores que vão de 5,71%, em 1955, até aos nada desprezíveis 10,76% que representam o volume de vinho importado em 1961. Quanto à França e à Inglaterra, podemos dizer que os vinhos de Málaga continuavam a viajar para esses mercados que mantinham um lugar importante como países importadores, embora menos expressivo que em épocas passadas.

Em relação à exportação para o continente americano ressalta a Venezuela como o país sul americano que procura um maior volume de vinho. Também a Colômbia comprava o vinho de Málaga. Trata-se, porém, em ambos os casos, de percentagens relativamente escassas.

Para finalizar este estudo elaborámos os gráficos 5 e 6, onde vemos os pesos relativos e globais por continentes entre dois momentos-chave: 1931, com o advento da II República, sendo, além disso, o primeiro ano para o qual dispomos de dados do Conselho Regulador, e 1960. Este período é bastante significativo do ponto de vista comercial.

A comparação não pode ser mais eloquente. Para os vinhos «Málaga», a América passou a uma posição de mercado de total irrelevância, pois se em 1931 a percentagem de 10,62% representava um interesse para este comércio viníco, em 1960 o mercado americano passa a 4,6%, em que os E.U.A. significam quase 1% do dito comércio. Considerando que o volume total de vinho comercializado passa de um pouco mais de 3.500 hectolitros para um pouco mais de 4.000 hectolitros, a perda do mercado americano é substancial. A Europa é sem dúvida o principal cliente do vinho «Málaga», passando de quase 80% do total das exportações a uns contundentes 95,10%, em 1960.

Finalmente, queremos concluir esta investigação, um contributo para o esclarecimento do mundo do comércio dos vinhos «Málaga», cujo estudo pressamos prosseguir para conhecer melhor esta componente tradicional da economia malaguenha.

Quadro 1 – Mercadorias exportadas através do Porto de Málaga (1872) (quilogramas)

Produtos	Com. Cabotagem	Com. exterior	Pesetas
Galena	—	409.330	173.965
Olaria	1.053.100	205.136	785.722
Chumbo em barras	373.100	11.489.291	5.468.835
Chumbo trabalhado	44.800	694.707	469.992
Cascas de laranja	—	381.384	180.281
Esparto	—	4.783.700	861.066
Presunto	1.073.700	380.695	1.392.371
Grão-de-bico	—	1.073.352	644.011
Amêndoas	—	753.335	597.617
Figos	—	753.439	188.360
Limões	—	4.629.421	833.296
Laranjas	—	674.131	107.131
Passas	1.315.900	28.018.087	24.130.119
Azeite	437.900	11.680.420	8.669.036
Vinhos	192.300	5.485.495	3.902.846
Conservas	—	79.769	139.596
Açúcar	993.200	—	904.960
Cereais	4.553.400	—	2.253.416
Tecidos de algodão	463.800	—	3.117.600
Tecidos de linho	210.400	—	1.359.284
Vários	15.987.400	3.122.183	6.481.606
Totais	26.699.000	74.613.875	62.661.110

Fonte: CABRERA PABLOS, F.; OLMEDO CHECA, M. – *El Puerto de Málaga 30 siglos de vida, 400 años de historia. 1588-1988. V centenario comienzo de las obras*. Málaga: Junta Obras Puerto de Málaga, 1988.

Quadro 2 – Exportação de vinhos Málaga (1850-1932) (litros)

Ano	Vinhos	Ano	Vinhos
1850	3.146.900	1891	2.496.900
1851	6.804.300	1892	965.400
1852	5.512.400	1893	1.237.400
1853	6.876.100	1894	525.200
1854	7.381.000	1895	100.000
1855	8.698.300	1896	247.400
1856	8.416.100	1897	166.300
1857	8.375.800	1898	937.300
1858	6.319.000	1899	486.400
1859	6.972.600	1900	314.100
1860	8.430.400	1901	320.600
1861	7.214.000	1902	112.900
1862	6.693.200	1903	596.200
1863	6.627.200	1904	1.776.700
1864	6.493.100	1905	5.710.900
1865	4.627.500	1906	4.276.500
1866	4.182.700	1907	3.802.400
1867	3.871.900	1908	4.727.300
1868	4.289.800	1909	8.006.200
1869	4.368.000	1910	9.455.800
1870	2.611.500	1911	8.400.426
1871	6.172.300	1912	9.086.314
1872	2.576.500	1913	8.159.960
1873	1.475.300	1914	3.828.287
1874	2.153.100	1915	3.972.583
1875	2.471.700	1916	7.166.680
1876	4.837.100	1917	2.161.275
1877	5.959.800	1918	2.108.077
1878	4.687.400	1919	8.719.900
1879	5.110.600	1920	8.893.486
1880	6.251.200	1921	7.328.161
1881	7.410.400	1922	3.880.098
1882	7.640.400	1923	2.753.094
1883	8.946.000	1924	4.931.850
1884	9.947.300	1925	5.252.654
1885	8.841.700	1926	4.476.479
1886	9.977.400	1927	2.83.901
1887	5.732.600	1928	1.222.234
1888	8.157.200	1929	867.085
1889	4.063.100	1930	685.488
1890	2.531.300	TOTAL	385.094.132

Fonte: JIMENEZ BLANCO, J. I. – *La producción agraria de Andalucía Oriental, 1874-1914*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 1986, p. 961. Elaboração da autora.

Nota: Até 1911 os dados estavam em hectolitros, tendo sido convertidos em litros.

Quadro 3 – Exportação de vinhos Málaga (1931-1961)

Ano	Litros	Dados relativos (% total)	Nº de índice Base: 1931=100
1931	3.660.641	4,95	100,00
1932	3.647.059	4,93	99,63
1938	3.214.424	4,35	87,81
1939	2.638.761	3,57	72,08
1940	429.482	0,58	11,73
1941	51.706	0,07	1,41
1949	2.446.591	3,31	66,84
1951	6.585.153	8,91	179,89
1952	4.578.111	6,19	125,06
1953	4.736.057	6,41	129,38
1954	7.532.169	10,19	205,76
1955	4.477.782	6,06	122,32
1956	5.629.222	7,61	153,78
1957	6.065.630	8,21	165,70
1958	4.689.285	6,34	128,10
1959	4.827.905	6,53	131,89
1960	4.471.901	6,05	122,16
1961	4.241.040	5,74	115,86
Total	73.922.919	100,00	2.019,40

Fonte: Conselho Regulador de Denominação de Origem «Málaga»; elaborado pela autora.

Nota: Saiba-se que para os anos de 1931, 1932 e 1955 a 1961 a fiabilidade dos dados é questionável em relação aos vinhos Málaga e Fino.

Quadro 4 – Distribuição da exportação dos vinhos Málaga (1931-1941) (dados relativos)

Países	1931	1932	1938	1939	1940	1941
Alemanha	18,66	10,63	90,82	78,94		36,99
América Central						
América do Sul						
Argélia	0,06	0,004				
Argentina	0,34	0,05				
Áustria			0,01			
Bélgica	3,64	4,01	0,37	0,04	1,24	
Bolívia			0,004			
Brasil	0,56	0,23			0,28	
Canadá	0,04	1,06	0,01			
Canárias		0,29		0,001		
Ceuta	7,27	14,63				
Checoslováquia	0,12	1,57				13,28
Chile	0,14	0,04				
China		0,01				
Colômbia	0,56	0,13				
Costa Rica				0,01	0,09	
Cuba	5,88	1,35	0,98	1,36	10,32	31,73
Dinamarca		2,37	0,63	1,81		
Egipto		0,08			0,06	
El Salvador	0,21				0,19	
EUA			0,07	0,13	2,37	13,91
Filipinas		0,02	0,02	0,14	0,58	
Finlândia	0,04	3,35		0,38		
França	22,40	20,88				
Gibraltar		0,003	0,04	0,03	0,22	
Guatemala	0,15	0,09	0,11	0,16	1,72	
Holanda	13,66	12,15	0,85	0,89	5,74	
Honduras		0,001			0,15	0,52
Indochina						
Inglaterra	7,47	5,98	0,55	0,31	1,57	
Irlanda	0,21		0,63	0,23	2,16	
Itália	3,68	0,96	2,54	6,92		
Marrocos	1,43	2,47	0,12	0,37		1,33
México	0,39	0,39		0,02		0,98
Melilha	3,32	7,74				
Nicarágua		0,01				
Noruega	0,47	0,36	0,14	0,32		
Panamá	0,30	0,31	0,02	0,06	0,32	
Polónia	0,24			0,65		
Portugal		0,003				
Porto Rico				0,17	2,18	
São Domingos	0,17	0,01				
Singapura					0,06	
Suécia	1,31	1,31				
Suíça	1,41	6,95	1,94	6,80	65,79	1,26
Terra Nova			0,02		0,12	
Uruguai	0,07					
Venezuela	1,50	0,52	0,13	0,26	4,83	
Jugoslávia		0,03				
Totais	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: RUIZ ROMERO DE LA CRUZ, Elena – o. c., 1995, p. 344-345. Quadro 1.19. Dados inéditos do C.R.D.O. «Málaga». Elaboração da autora.

Quadro 5 – Distribuição da exportação de vinhos Málaga (1949-1954) (dados relativos)

Países	1949	1951	1952	1953	1954	1941
África			0,14	0,004	0,02	36,99
Alemanha	18,28	57,22	33,52	37,39	44,80	
América Central	6,19					
América do Sul	0,87					
Argélia						
Argentina			0,04			
Áustria						
Bélgica	10,95	8,01	13,11	8,15	6,06	
Brasil		0,54	0,14	0,11	0,14	
Canadá		0,19		0,28	0,22	
Chile		0,01	0,00	0,52		
China		0,02		0,06	0,01	
Colômbia		0,22		1,38	0,35	13,28
Costa Rica		0,13	0,25	0,09	0,06	
Cuba		0,97	1,02	0,90	0,48	
Dinamarca	2,16	0,77	1,92	0,47	0,19	
Equador					0,01	
Egipto	0,21	0,03	0,20	0,08	0,05	31,73
El Salvador		0,07	0,17	0,13	0,09	
Espanha		1,36	1,80	1,39	2,15	
EUA	0,41	0,27	0,78	1,26	0,54	
Fernando Pó		0,002	0,07	0,002		13,91
Filipinas					0,004	
Finlândia		0,39	5,19			
França	1,96	3,19	13,24	10,63	13,97	
Gibraltar	0,02	0,02	0,01		0,01	
Guatemala		0,08	0,01	0,37	0,16	
Guiana						
Guiné			0,01			
Haiti		0,004			0,01	0,52
Holanda	9,12	3,60	12,96	14,66	12,75	
Honduras				0,05	0,02	
Indochina	0,54					
Inglaterra		0,03	0,15	0,22	0,30	
Irlanda						1,33
Itália		2,93	2,56	5,15	4,68	0,98
Marrocos	0,50	0,25	0,11	0,47	0,21	
México		0,04	0,01	0,03	0,00	
Nicarágua			0,003	0,005	0,01	
Noruega	0,08	0,21	0,29	0,20	0,09	
Oceania		0,01				
Panamá		0,04	0,10	0,07	0,13	
Paraguai			0,01	0,06		
Porto Rico		0,05	0,33	0,55	0,29	
Rep. Dominicana		0,05	0,18	0,22	0,15	
Síria						
Suécia		0,68	0,33	0,22	0,33	1,26
Suíça	48,71	17,85	0,86	11,30	9,73	
Tanger		0,02	0,17	0,09	0,05	
Uruguai		0,02				
Venezuela		0,76	1,33	4,00	1,41	
Totais	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: RUIZ ROMERO DE LA CRUZ, Helena – o. c., 1995, p.347-348. Quadro nº 1.21. Dados inéditos da C.R.D.O. «Málaga». Elaboração da autora.

Quadro 6 – Distribuição da exportação de vinhos Málaga (1955-61) (dados relativos)

Países	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961
África francesa	0,004				0,02		
Alemanha	48,92	48,72	45,71	33,89	51,49	45,96	48,01
Antilhas holandesas							0,01
Antuérpia							0,03
Austrália						0, 01	0,002
Áustria		2,51	2,10	3,41	2,57	2,44	3,19
Bélgica	5,71	6,58	6,57	6,50	7,31	9,19	10,76
Bolívia					0,01	0,04	
Brasil	1,31	0,49	0,05	0,06	0,01	0,47	
Canadá	0,10	0,13		0,44			0,01
Ceilão				0,02			
Checoslováquia					0,35	0,07	
Chile					0,24		
Colômbia	0,88	1,38	0,47	0,06	0,09	1,18	0,32
Congo belga	0,03						
Costa Rica	0,40	0,25	0,23	0,12	0,16	0,21	0,12
Cuba	1,16	1,15	0,89	1,25	0,37	0,13	
Curaçau				0,03	0,02	0,04	
Dinamarca	0,30	0,35	0,26	0,32	0,28	0,50	0,61
Equador	0,04	0,03	0,09	0,01	0,10	0,02	0,05
El Salvador	0,15	0,13	0,05	0,11	0,09	0,17	0,08
Extremo Oriente		0,02					
EUA	0,49	0,40	0,33	0,70	0,69	0,71	0,82
Filipinas	0,0004						
Finlândia	0,27	0,81	0,66	0,54	0,43	1,26	1,39
França		0,002	0,03	0,26	0,83	1,36	3,70
Gibraltar	0,05	0,01	0,01	0,03	0,03	0,07	0,02
Grã-Bertanha	0,73	0,67	0,78	1,97	1,69	1,86	1,11
Guatemala	0,22	0,62	0,34	0,48	1,08	0,44	0,40
Guiana francesa							0,01
Haiti					0,003	0,01	0,01
Holanda	1,69	1,56	1,24	1,56	2,05	2,24	3,03
Honduras	0,05		0,02		0,01	0,02	0,01
Hungria					0,01		
Índias holandesas							
Indochina							
Indonésia			0,0044				
Irlanda		0,04	0,02	0,06	0,03	0,11	0,02

(continua)

O comércio dos vinhos Málaga no século XX

(continuação)

Países	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961
Ilhas Virgens		0,06	0,09	0,02	0,01		
Itália	0,16	0,25	0,15	0,24	0,18	0,63	0,68
Jamaica		0,002	0,004				
Quênia		0,01					
Líbano	0,002						
Luxemburgo							0,02
Marrocos	0,54	0,21	0,13	0,14	0,11	0,13	0,39
México	0,02		0,05	0,05	0,01		0,06
Nicarágua	0,02	0,01	0,02	0,01		0,01	0,01
Noruega	0,21	0,19	0,21	0,18	0,04	0,19	0,11
Panamá	0,27	0,24	0,18	0,10	0,22	0,18	0,27
Paraguai	0,07	0,02	0,02	0,76	0,28		
Perú		0,01			0,02	0,04	0,01
Polónia				6,40			0,26
Portugal	0,002	0,02					
Porto Rico	0,23	0,45	0,24	0,22	0,30	0,17	0,57
Rep. Dominicana	0,18	0,30	0,21	0,25	0,21	0,15	0,03
Serra Leoa		0,001					
Singapura				0,002			
Suécia	0,33	0,71	0,49	0,43	0,62	0,56	0,60
Suiça	33,07	29,99	36,39	35,39	25,51	28,63	22,88
Taiti						0,004	
Trieste			0,001				
Uruguai				2,18			
Venezuela	2,40	1,66	1,95	1,84	2,54	0,63	0,42
Vietname						0,16	
Totais	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: RUIZ ROMERO DE LA CRUZ, Helena – o. c., 1995, p.351-352. Quadro nº 1.23. Dados inéditos da C.R.D.O. «Málaga». Elaboração da autora.